
O Banho de São João e as queimadas do Pantanal Corumbaense: o fotojornalismo de Alicce Rodrigues¹

Ana Laura Menegat de Azevedo²

Daniela Giovana Siqueira³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Resumo

O presente artigo busca analisar a fotografia registrada pela fotojornalista sul-mato-grossense Alicce Rodrigues, durante os festejos de São João, no banho de santo em Corumbá, em meio às queimadas no Pantanal, procurando dialogar sobre o fazer fotojornalístico com perspectiva de gênero, pautado na responsabilidade jornalística e no respeito com as realidades capturadas. Esse estudo tem como base as teóricas de gênero e jornalismo/fotojornalismo tecidas por Jessica Gustafsson (2019) e Nathália Cunha da Silva (2018), além de pesquisadoras/es sobre fotografia como Susan Sontag (2004), Ariella Aisha Azoulay (2024), Roland Barthes (1984) e André Melo Mendes (2019).

Palavras-chave: Fotojornalismo; jornalismo com perspectiva de gênero; Banho de São João; Pantanal; análise fotográfica.

Introdução

O fotojornalismo, um dos pontos de encontro entre o jornalismo e o audiovisual, pensa a vida, a sociedade e os fatos a partir de fotografias, criando narrativas visuais do mundo. Há responsabilidade nessa prática, porque requer reflexão das e dos profissionais, em se questionarem sobre o que deveriam capturar, bem como considerarem quais desses momentos devem permanecer sem serem registrados. Nesse sentido, entende-se que para um estudo aprofundado do fotojornalismo, é preciso considerar o elo existente entre o conteúdo registrado e a/o profissional que faz o registro. Para isso, este artigo busca refletir sobre uma fotografia registrada pela fotojornalista Alicce Rodrigues.

Alicce é jornalista formada pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), iniciou a carreira como fotojornalista independente e trabalhou como fotojornalista e repórter de imagem no jornal Midiamax entre os anos de 2023 e 2024.

¹ Trabalho apresentado no GP20 Fotografia, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista (UFMS) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), email: analaoram_azvd@outlook.com.

³ Professora no curso de Audiovisual e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), professora orientadora da pesquisa, email: daniela.siqueira@ufms.br.

Atualmente trabalha com jornalismo e comunicação ambiental no Peld NEFAU⁴, projeto de pesquisa científica do CNPq sobre os efeitos do fogo e da inundação na vida do Pantanal Sul, e no Instituto Terra Brasilis⁵, uma Organização Não Governamental (ONG) que busca a conservação da biodiversidade em harmonia com povos e comunidades tradicionais.

Alicce é mulher pantaneira, nascida em 2 de maio de 1998 no bairro periférico Guaicurus em Corumbá, no Pantanal sul-mato-grossense. É filha de Sebastiana e José Luiz, irmã do Valdeir e tia de Aquiles e Adrian. Ela cresceu vendo a mãe e o pai fotografarem a vida ao redor, para guardarem a memória daquilo que não volta mais. Aos 10 anos ganhou uma câmera *cybershot* e esse foi o seu momento de documentar, ainda como uma brincadeira de criança curiosa, o que seus olhos atentos viam. Foi só na faculdade que ela percebeu que essa curiosidade fotográfica poderia ser muito mais vivida e estimulada. Sua trajetória no fotojornalismo começou em 2020: No mundo, a pandemia de Covid-19 fazia mais e mais vítimas a cada dia. No Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) ampliava uma política negacionista em relação à ciência. Nas ruas de Campo Grande, cidade em que Alicce vive, ocorreram várias manifestações populares, que foram registradas pela profissional.

Fui em todas as manifestações para fotografar, mesmo sem câmera. Odiei a situação, mas adorei a adrenalina, adorei estar ali registrando, sentindo o que aquelas pessoas estavam sentindo. Isso me formou fotojornalista e me formou uma pessoa que faz o que acredita (Rodrigues, 2024)⁶.

Além de registrar mobilizações sociais no ambiente urbano, parte importante do trabalho de Alicce está em registrar o Banho de São João em Corumbá, uma festa cultural e religiosa, que une as fés católicas, da umbanda e do candomblé, que acontece sempre na virada dos dias 23 para 24 de junho. Para as religiões de matriz africana, o Banho de São João é na verdade de Xangô, de acordo com o sincretismo religioso presente no Brasil. O Banho, além de sagrado, é também reconhecido como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2021.

⁴ Mais sobre o projeto pode ser acompanhado pelo site <https://nefaupeldfogopantanal-inbio.ufms.br/> e pelo instagram

<https://www.instagram.com/peldfogopantanal/?igsh=MXNzc3k2cmhwbGRuYQ%3D%3D>.

⁵ Mais sobre o projeto pode ser acompanhado pelo site <https://terrabrasilis.org.br/> e pelo instagram <https://www.instagram.com/institutoterrabrasilis/?igsh=MTVrN2UxdXkxcThrZA%3D%3D#>.

⁶ Fala retirada de entrevista de profundidade dada à Ana Laura Menegat em novembro de 2024.

Desde a tarde do dia 23 já descem pessoas com andores até a beira do Rio Paraguai, banham aquele santo, aquele andor e fazem um pedido. São João é conhecido como santo casamenteiro, mas tem vários relatos de outras coisas: cura de doenças, dinheiro, filho (Rodrigues, 2024).

A cidade onde Alice nasceu, Corumbá, está localizada a oeste de Mato Grosso do Sul e faz fronteira com a Bolívia a partir dos municípios de Puerto Suárez e Puerto Quijarro. Isso faz com que a população corumbaense, além de sul-mato-grossense e pantaneira, seja também fronteiriça. Dessa forma, as identidades dessa população se compõem pelo multiculturalismo, ou seja, a partir dos diálogos e influências de múltiplas culturas interligadas, o que reforça a importância da localização geográfica como marcador social para a compreensão das identidades e realidades. Essas considerações orientaram a construção desse artigo, organizado em duas partes: na primeira, apresentando um levantamento bibliográfico de bases teóricas-metodológicas para entender as nuances do fotojornalismo com perspectiva de gênero e os atravessamentos que perpassam o ato de fotografar. Na segunda parte do artigo, será apresentada análise de uma fotografia registrada por Alicce Rodrigues, entrelaçando o Banho de São João de Corumbá, nos festejos de 2024, com as queimadas no Pantanal, quando deixaram a cidade coberta por fumaça durante os meses de junho a setembro daquele ano.

O fotojornalismo com perspectiva de gênero

O fotojornalismo é uma prática profissional que pressupõe o caos. Os caos, no plural. Esse caos pode ser definido pelo Modelo do Conflito Social, apresentado por Melvin Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1993) que, ao abordarem as teorias da comunicação de massa, apresentam esse paradigma social a partir da perspectiva de que o conflito é ubíquo na relação entre as pessoas, a sociedade e a mídia de massa. Ou seja, os interesses distintos que compõem uma sociedade geram competitividade entre indivíduos em busca de seus próprios interesses, o que promove um processo permanente de mudança (Defleur; Ball-Rokeach, 1993). E o fotojornalismo é testemunha disso.

Ser mulher fotojornalista no Mato Grosso do Sul carrega atravessamentos complexos e cheios de camadas de significados. Segundo o Mapa da Segurança Pública de 2025, realizado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública⁷, o Mato Grosso do Sul

⁷ Disponível em <https://www.gov.br/mj-pt-br/assuntos/noticias/mapa-da-seguranca-publica-2025-brasil-reduz-homicidios-dolosos-e-bate-recorde-em-apreensoes-de-drogas/mjsp-mapa-da-seguranca-publica-2025.pdf> Acesso em 13 de jun 25.

registrou a 2ª maior taxa de feminicídio no país a cada 100 mil habitantes. No ano de 2024, 35 mulheres foram vítimas de feminicídio no estado. Em 2025, entre os meses de janeiro e junho, já são 14 mortes. Ser fotojornalista é ver isso de perto, como destacado por Alicce:

O fotojornalismo me mostra muito as realidades. Os casos que mais mexeram comigo foram de feminicídio, com certeza. Ser mulher fotojornalista, a gente tem que enfrentar o machismo igual a gente enfrenta isso a vida toda. Eu espero passar por essas situações o tempo todo (Rodrigues, 2024).

Esse artigo não terá enfoque na violência contra a mulher, mas ao falar sobre a vida e o trabalho de uma mulher fotojornalista, é de extrema importância entender o contexto social e geográfico em que essa profissional está inserida. Os atravessamentos estão presentes nos contextos das profissionais fotojornalistas em suas vidas, em seus locais de trabalho e rotinas produtivas.

A própria cultura profissional presente no fotojornalismo valoriza os atributos associados ao estereótipo masculino como virilidade, objetividade e competitividade, e cobra das mulheres, para se manterem dentro da atividade e vislumbrarem algum reconhecimento, demonstrar um desempenho superior (Silva, 2018. p. 14).

Marcadores sociais, como gênero, raça, classe, orientação sexual, localização geográfica, entre outros, dizem respeito sobre as identidades das pessoas e de grupos sociais. Esses atravessamentos são chamados de interseccionalidade (Akotirene, 2019) e determinam a forma como as pessoas vão ser percebidas em sociedade. A partir do olhar atento para as interseccionalidades, a jornalista e pesquisadora Jessica Gustafsson (2019) propõe uma perspectiva de gênero no jornalismo.

O fato do jornalismo falar sobre gênero e sexualidades o tempo todo, em todas as épocas em todas as suas matérias, pois trata sobre sujeitos, desde sempre generificados, sexualizados e racializados, como afirma Butler. A produção de sentidos não acontece apenas nas reportagens comportamentais específicas, mas quando aborda a política, a economia e a saúde, até quando escolhe quais repórteres serão designados para cada pauta e as fontes ouvidas... (Gustafson, 2019, p. 80)

Essa perspectiva de gênero dialoga com o conceito de objetividade corporificada, definido por Donna Haraway (2019, p. 21): “apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva”, pois, segundo ela, pensar uma objetividade científica é possível se o ponto de partida for constituído pela subjetividade, de forma que todos os saberes partem antes de

tudo de pessoas, carregadas de suas identidades e vivências. Para Haraway (2019, p. 21) só assim “podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver”.

Aprender a ver e ler imagetivamente é um desafio em uma sociedade abarrotada de imagens, pois, como relata Susan Sontag (2004, p. 7) “quanto mais eu pensava sobre o que são as fotos, mais complexas e sugestivas elas se tornavam”. É justamente essa complexidade que torna fundamental o olhar e o pensamento crítico a respeito de imagens e fotografias, principalmente por parte de jornalistas e fotojornalistas que possuem o compromisso ético com a sociedade e com as informações veiculadas, de acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Susan Sontag (2004, p. 22) entende o ato de fotografar como uma ação ativa e participativa: “embora a câmera seja um posto de observação, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva”. Para a autora, essa participação também envolve responsabilidade, pois “existe uma agressão implícita em qualquer emprego da câmera” (Sontag, 2004, p. 17).

A pesquisadora decolonial israelense Ariella Aisha Azoulay (2024) lembra que o nascimento da fotografia acontece em um contexto imperialista e condena práticas imperiais de dominação do “outro” a partir de uma metáfora com o abrir e fechar do obturador da câmera. Para ela, o obturador pode assumir papel colonial, a fotógrafa/o fotógrafo se sente no direito de roubar a imagem das pessoas retratadas, documentando de forma não autorizada sua desgraça e sofrimento. Para a fotojornalista Alicce Rodrigues (2024), não registrar determinadas cenas é sua maneira de resistir: “eu não gosto de colocar meu olhar sobre pessoas mortas, pessoas em situação de vulnerabilidade social, porque são histórias que o jornal se aproveita”.

Há um peso nada leve em ver a realidade como ela realmente é. “Isso de ficar muito lado a lado com a violência, mesmo numa posição privilegiada em relação a quem está vivendo, a gente leva para a gente” (Rodrigues, 2024). Essa sensibilização com o mundo pode abrir caminhos para romper com o obturar imperial conceituado por Azoulay (2024, p. 24): “Desaprender o imperialismo é recusar as histórias que o obturador conta. Esse desaprender só pode ser realizado se a neutralidade do obturador for admitida como um exercício de violência”.

Alicce sente que suas experiências como fotojornalista de rua a sensibilizam como profissional e como pessoa, que busca olhar o mundo não apenas com olhos atentos e

críticos, mas também empáticos com as pessoas e realidades retratadas. “Eu tenho certeza que tem um espírito revolucionário dentro de mim, porque eu não concordo com absolutamente nada ao meu redor” (Rodrigues, 2024).

Para Francisco das Chagas Júnior (2019, p. 36) “a imagem perturba os saberes tradicionais” e há uma intersubjetividade entre os corpos envolvidos na construção de uma imagem: a imagem em si é um corpo; os corpos retratados e o corpo de quem retrata. Além disso, são produtos de seus contextos, sendo vivas e tendo comportamentos distintos por onde passam (Júnior, 2019). Assim, as fotos produzem efeitos distintos em cada pessoa que as observa. Roland Barthes (1984) conceitua as ideias de *punctum* e *studium*, sendo *studium* o visível: os sujeitos, objetos e cenários que compõem uma fotografia. Já o *punctum* é, como o próprio nome diz: uma pontada, um sentimento, um afeto visto e sentido de formas particulares a partir de cada ponto de vista.

A mata queima e São João é banhado

Alicce Rodrigues cresceu vivendo as festividades da cidade de Corumbá. Ela relata que ainda criança e adolescente, adorava a época de São João para aproveitar os shows e as comidas tradicionais, como curau, pamonha, quentão, entre outras. Após contato com o jornalismo e com o fotojornalismo, a comunicadora passou a olhar para as festas de sua região com olhares atentos e documentais:

Eu nunca tinha vivenciado esse banho com o olhar jornalístico, de ouvir as pessoas, de observar, de fotografar. Eu fiquei muito encantada, mesmo eu não tendo uma religião hoje, eu fiquei muito encantada de ver como a fé provoca coisas muito bonitas nas pessoas, além das coisas terríveis também. O Banho de São João é uma festa em Corumbá que as pessoas produzem Andores com São João, alguns são muito grandes, outros menores. Tem competição de andores, qual vai ser mais bonito. Várias pessoas de várias fés, pessoas católicas, pessoas da umbanda, pessoas do candomblé. Para a umbanda e o candomblé é chamado de Banho de Xangô. Eu fiquei muito comovida de estar na minha cidade registrando essa fé, entendendo essa festa de uma forma diferente, porque quando eu morava lá eu aproveitava a festa, os shows e a comida, não o banho (Rodrigues, 2024).

Alicce se reencontrou com sua cidade nesse momento especial em 2022, assumindo compromisso de voltar a ela anualmente, para os festejos de São João. E assim o fez em 2023 e 2024. No ano de 2024, a fotojornalista vivenciou a fé dos festejos de São João em meio ao dilema das queimadas que destruiu a fauna e a flora pantaneira. Alicce conta que

o povo corumbaense teme pela chegada do momento em que o céu vai ficar cinza e o ar difícil de respirar, mas em 2024 isso aconteceu antes do previsto.

Eu cresci em Corumbá e em algum momento a gente respirava um ar que era poluído pela fumaça de incêndios, mas nunca foi do jeito que eu vi e senti quando fui esse ano, quando fiz essa foto. Normalmente o período de incêndios é quando começa a seca, de setembro a outubro, até agosto às vezes, mas em junho nunca, nunca. Esse ano eu tinha me planejado para fotografar o São João, mas foi chegando perto da viagem e Corumbá estava um caos, incêndio e fumaça e Corumbá estava em todos os jornais. Falei ‘é isso, vou ir para lá e ter que viver isso, porque é o que está acontecendo’. Não é mais só sobre o São João. Fui trabalhando para ninguém, fiz um trabalho independente (Rodrigues, 2024).

Entre os meses de janeiro e outubro de 2024, Corumbá teve 795.038 hectares queimados pelos incêndios, de acordo com o Monitor do Fogo do MapBiomas Brasil⁸. No ano anterior, no mesmo período, o fogo atingiu 83.457 hectares, o que constitui um aumento de 852% de 2023 a 2024. “Antes a gente sentia a fumaça, a gente sentia que vinha do Pantanal, mas dessa vez a gente via da cidade. As pessoas iam no porto e do outro lado elas viam pegando fogo, parecia que alguma hora aquele fogo ia pular para a cidade”, (Rodrigues, 2024).

Essa realidade foi registrada pelos olhos e lentes de Alicce Rodrigues. A análise da fotografia abaixo (Figura 1) será feita a partir da “Metodologia para análise de imagens fixas” de André Melo Mendes (2019). André constitui essa metodologia a partir de uma mistura entre a objetividade (descrição das figuras presentes na imagem) e a subjetividade (compreensão interpretativa e sensível do que as figuras representam).

Na foto tirada por Alicce, podemos localizar cinco figuras: 1- A fumaça e o fogo ao fundo; 2- A mulher, Gilsy, no centro da imagem, com o andor de São João em mãos; 3- A água; 4- As luzes no canto esquerdo; 5- A mata no canto direito. A fotografia é cortada verticalmente pela presença da mulher ao centro e horizontalmente na divisão entre o céu (cheio de fumaça) e a água. O primeiro recorte estabelecido para análise (fumaça e fogo) ocupa praticamente metade da imagem, sendo pano de fundo para os outros elementos.

⁸ MAPBIOMAS BRASIL. Monitor do Fogo. Área queimada em Corumbá entre janeiro e outubro de 2024. Acesso via <https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/monitor-do-fogo> em 19 nov. 2024.



Figura 1: Banho de São João e queimadas no Pantanal. Foto: Alicce Rodrigues, Corumbá, junho de 2024.

É possível visualizar a fumaça preta e densa próxima das figuras 5 e 6, e conforme a fumaça vai subindo, ela se dissolve no ar e deixa espaço para que um pouco do céu seja visto. Além disso, essa fumaça também assume coloração alaranjada e avermelhada ao redor dela, reflexos do fogo que a causa e do pôr-do-sol que acontecia. Subjetivamente analisando, essas cores podem passar sensações de angústia, pois o vermelho, por ser a cor mais forte do espectro visual, causa impacto e emoções fortes. Colocando esse elemento em contexto, essa angústia é compreensível porque os incêndios e o fogo no Pantanal causam perdas na biodiversidade, agredem e matam a fauna e flora local e também trazem riscos à saúde das pessoas que habitam nesta região.

O segundo recorte dedica-se a Gilsy, a mulher presente na imagem. Gilsy possui pele branca, usa um vestido preto com estampa colorida, colares no pescoço, cabelo castanho com mechas brancas e olha para baixo, como quem observa o andor de São João em suas mãos. O andor é pequeno e colorido. Gilsy possui os pés cobertos pela água. A figura da mulher, com os olhos no São João, passa a impressão de cuidado com aquilo que carrega em mãos, pois trata-se da celebração de uma fé.

Eu desci pra beira do rio e chegou um grupo com esse mini andor, ele é bem piquitinho, muito fofo. Eu perguntei para a Gilsy se eu podia

fotografar elas dando banho no São João e o que elas estavam pedindo. Elas falaram que estavam pedindo pelo fim dos incêndios. Eu fiquei super tocada, super tocada, porque eu estava muito triste e revoltada com a situação que estava ali (Rodrigues, 2024).

O terceiro elemento que compõe a fotografia é a água, que banha os pés de Gilsy e ocupa grande parte da foto, criando contraste com o fogo e a fumaça ao fundo, quase como dois extremos. É o Rio Paraguai que resiste com suas águas, águas que emolduram o fogo. No canto inferior esquerdo da imagem, é possível enxergar uma pequena onda quebrando, o que abre caminhos de interpretação em relação ao banho de São João, pois, nessa imagem, ele não está de fato sendo banhado, mas simbolicamente sim.

Em quarto, aparecem as luzes no canto esquerdo da imagem, que brilham entre água e fogo. A iluminação pode criar camadas de significado interpretadas genericamente como “a luz no fim do túnel”, mas na verdade ela faz referência a ponte de captação de água no Rio Paraguai, instalada e operada pela Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul (Sanesul). A quinta figura vista, ao canto direito da fotografia, é uma mata, correspondente às florestas do Pantanal. A floresta que se situa entre resistir ao fogo e queimar sob o calor dele. Esses elementos no campo objetivo de Mendes (2019) se relacionam com o *studium* de Barthes (1984), ou seja, representam a superficialidade das figuras representadas na imagem. Já os aspectos subjetivos e interpretativos (Mendes, 2019), dependendo de quem olha a imagem e quais sensações são provocadas, pode-se abrir espaço para que o *punctum* (Barthes, 1984) apareça.

Para quem não tem uma relação íntima com Corumbá, mas se sensibiliza com o acontecimento, o *punctum* é a dor de ver um bioma tão rico como o Pantanal sendo queimado por irresponsabilidade humana, e ao mesmo tempo o contraste ao ver a beleza da fé de Gilsy sendo banhada. Já o *punctum* de Alicce, mulher pantaneira e filha dessa terra, é muito mais íntimo e profundo, pois é sua cidade natal queimando, é sua cidade natal rezando. A imagem é a mesma, mas o sentimento é único de cada pessoa que a vê.

A fotografia representa dois fatos jornalísticos (o Banho de São João e as queimadas no Pantanal), registrados em uma perspectiva fotojornalística. Para além da camada factual, é possível compreender os sentimentos retratados por Alicce Rodrigues, que abrem caminhos para uma narrativa sensível e poética sobre o assunto. Assim, o registro é factual, mas não representa a falsa objetividade jornalística, já que é dotado da subjetividade da fotojornalista.

Referências

AZOULAY, Ariella Aisha. **História potencial: desaprender o imperialismo**. Traduzido por Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, ES. 2007.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

GUSTAFSON, Jessica. **Jornalistas e feministas - a construção da perspectiva de gênero no Jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 14. Florianópolis: Insular, 2019.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (pp. 157-212).

JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior. **A virada e a imagem: história teórica do pictorial/ iconic/ visual turn e suas implicações para as humanidades**. Anais do Museu Paulista. São Paulo, Nova Série, vol. 27, 2019, p. 1-51. e08.

MENDES, André Melo. **Metodologia para análise de imagens fixas** [recurso eletrônico]. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.

RODRIGUES, Alicce. **Entrevista 1**. Entrevista concedida a Ana Laura Menegat de Azevedo. Campo Grande, 04 nov. 2024.

SILVA, Nathália Cunha da. **Mulheres fotojornalistas: influência cultural dos estereótipos de gênero na perspectiva da carreira**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Joinville - SC - 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo — São Paulo : Companhia das Letras, 2004.